

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA B1. *Moira* entra em cartaz na Pinacoteca Universitária nesta quinta-feira [26]

EVA LE CAMPION ABORDA O CONTROLE FEMININO

Artista trabalha basicamente com tecelagem e cerâmica

JORGE BARBOZA
REPÓRTER

Na mitologia grega, as moiras eram três irmãs que determinavam os destinos dos deuses e de seres humanos, tecendo e cortando os fios de vida daqueles que, por assim dizer, haviam se submetido à vontade dessas mulheres, numa roda da fortuna que subia e descia. Tempo bom (quando no topo), tempo ruim (quando no fundo). Esses temas e essa ideia de boa sorte e má sorte e controle feminino permeiam a exposição de Eva Le Campion, batizada de “Moira”. A abertura acontece no dia 26, a partir das 20h, na Pinacoteca Universitária. Cheia de significados, buscando se solidarizar às pessoas que estão à margem (a descida da roda), a mostra traz de volta a esta fulgurante cena caeté de artes visuais uma profissional com uma obra singular e delicada, produzindo basicamente com tecelagem e cerâmica.

“Esse trabalho tem a ver com essa deidade feminina grega e que, naturalmente, passa pela tecelagem, do fio que é urdido, tecido, arrematado. É uma simbologia de meio e fim da vida das pessoas”, diz Eva, lembrando o trabalho de assistente social na Cruz Vermelha, “durante muitos anos”. “Tive o privilégio de ouvir histórias de risco entre vida e morte e pude observar o que as pessoas conseguem fazer para não sucumbirem diante das forças de destruição, das adversidades da vida. É como um espaço de provação”, diz a artista, referindo-se à exposição, evocando, outrossim, “o mito do herói de Jung”.

“É um conceito que vai do pessoal ao coletivo”, explica, atestando a ascendência sírio-libanesa dos avós maternos e do tio Pierre Chalita (Maceió, 1930-2010), com quem aprendeu, na capital, a desenhar os primeiros traços. “Depois estudei na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro”, conta Eva, cujo sobrenome francês é do pai, Edmond Le Campion, que também serviu à Cruz Vermelha, na Segunda Guerra Mundial.

Os “fios de tinta” de Eva Le Campion são urdidos e bordados sobre mantas e cobertores, toalhas de mesa e até “pano de chão”. “São os suportes”, ela explica, destacando uma obra que abre a exposição e que remete a um período em que já não trabalhava como funcionária da Cruz Vermelha, mas sim como “voluntária” do projeto “Sara” – que trabalha com dependentes químicos.

“Mãos que tecem e que modelam não traficam”, diz a artista, pontificando sobre as possibilidades de melhorar a vida das pessoas. “Quando alguém faz uma produção com a qual se identifica, o resultado será de melhor qualidade. Quando você faz algo apenas por dinheiro, você se torna alienado.”

Divorciada do também artista visual Delson Uchoa, de quem diz ter assimilado diversas técnicas, Eva observa “a falta de políticas que apoiem o artesanato” e que afinal dinamizem uma economia que podia ser mais forte no Estado.

“Aquela região de Caraibeiras em Pernambuco, cidade próxima a Pariconha já em Alagoas, tem



-FOTOS: FELIPE BRASIL

Eva Le Campion possui uma obra singular e delicada



Em Andeja, a artista Myrian Almeida trabalha com recortes de tecido colados em papelão

um artesanato maravilhoso. Mas você abre o Google e não encontra nenhuma referência. 80% do artesanato da feirinha da Pajuçara vem de fora. O artesanato do Pontal está salvo porque é um destino turístico – o problema é quem mora na grota, os antigos oleiros que estão desaparecendo. A questão do artesanato poderia ser mais abran-

gente, para atingir a grota. Hoje, os filhos dos oleiros não querem mais continuar o ofício dos pais, que já não faz parte do meio. Essa coisa de raiz é essencial – não é o dono da empresa que cria uma identidade, mas a comunidade, que vem com a linguagem do inconsciente coletivo. É daí que nascem muitos significados. Foi isso que busquei demons-

trar numa ‘mesa farta’ com frutos em vasos de cerâmica, simbolizando a ausência de fome”.

Moira está em cartaz na Pinacoteca Universitária (Praça Visconde de Sinimbu, 206), Centro de Maceió. Vernissage acontece no dia 26, a partir das 20h. Aberta à visitação até o dia 24 de janeiro de 2016, de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 18h. ☛